

O silêncio fala

Silence speaks

Suelena Werneck Pereira*

Resumo: O objetivo desse texto é o de examinar de um duplo ponto de vista – o teórico e o clínico – o silêncio na prática psicanalítica. Para alcançar este objetivo, o artigo está fundamentado no conceito metapsicológico da pulsão de morte, adotando como fio condutor o texto freudiano. Parte-se da idéia de que o silêncio é uma característica dessas pulsões descritas por Freud como mudas, procurando-se entender seu sentido transferencial e resistencial.

Palavras-chave: Pulsões de morte e Eros, teoria e clínica, o silêncio e as palavras.

Abstract: *The purpose of this text is to examine, from a double point of view – the theoretical and the clinical – silence that occurs in the psychoanalytical practice. In order to reach my goal, I based my work on the metapsychological concept of death instinct and took as a guiding line the Freudian text. I started from the idea that silence is one of the characteristics of these instincts, described as mute ones by Freud, and tried to understand their transferential and resistential meaning.*

Key-words: *Death instincts and Eros, theory and clinic, silence and words.*

* Psicanalista, Mestre e Doutora PPG em Teoria Psicanalítica/UFRJ.

O tema do silêncio traz para o psicanalista uma dupla indagação: o que ele significa em nossa teoria e o que fazer quando ele, insistentemente, se apresenta na clínica, impedindo o progresso do trabalho. Na teoria, pretendo trabalhar com a ideia do silêncio das pulsões de morte, mudas por definição, e suas combinações com Eros e seu alarido, o que não só dará às pulsões de morte a possibilidade de serem ouvidas como determinará as diferentes formas expressivas de seus derivados. Na clínica, pretendo abordar tanto o silêncio, que se faz sempre manifestação resistencial, quanto sua contrapartida, as falas excessivas e seus possíveis sentidos, entre eles também o de resistência; mencionarei, penso que de forma demasiado breve, o silêncio do analista, recomendado.

Gostaria, para o bem da clareza acerca de minha filiação, de tomar emprestadas as palavras de Gilou Garcia Reynoso, quando essa, em uma entrevista, se declara de enraizamento freudiano: “isso é uma filiação porque me reconheço nascida de um trabalho com Freud” (REYNOSO, 1991, p. 45). Lembra-nos que o verbo francês *‘fillier’*, além de sua ligação mais óbvia com a palavra *‘filho’*, também significa seguir um fio. O meu fio é a obra de Freud. E será nesse terreno que tentarei falar um pouco sobre a dimensão do silêncio na psicanálise, seja por um viés eminentemente teórico, seja pela vertente da clínica. Devo começar afirmando o que penso dessa articulação de teoria e clínica: a singeleza, a simplicidade da prática clínica só se atinge quando se domina a teoria.

Gostaria de assinalar que Freud pouco tratou do silêncio em seus textos, havendo esparsas menções ao tema ao longo de seus escritos. No texto *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento*, de 1898, por exemplo, encontramos uma ligeira alusão: Freud não encontra palavras para nomear os afrescos de Orvietto – o esquecimento de Signorelli – mas ele não se detém nessa falta de palavras. Entre seus primeiros seguidores, alguns escreveram especificamente sobre o assunto: encontramos o livro de Reik, de 1926, *Escutar com a terceira orelha*, onde se encontra o artigo “No início é o silêncio”; o escrito de Robert Fliess, filho de Wilhelm, *Silêncio e verbalização: um suplemento à teoria da regressão analítica*, de 1948. Os textos mais recentes e mais notáveis são o de André Green, de 1979, intitulado *O silêncio do psicanalista*; o de Juan-David Nasio, *O silêncio em psicanálise*, de 1987; e *O silêncio primordial*, de Santiago Kovadloff, ensaísta e filósofo argentino, de 2003.

Começemos por compreender o sentido da palavra silêncio e suas marcas conotações no uso comum da língua. O vocábulo, derivado do latim *silentium –ĩ*, nada mais significa que interrupção de ruído ou ausência dele; sob a forma verbal, *silere*, designa ficar silencioso. Entretanto, se pensarmos nas formas mais poéticas em que a palavra surge, verificamos que ela quase

sempre é adjetivada de forma peculiar: o silêncio pode ser denso, pesado, doloroso, sepulcral, agressivo, assustador. Raras são as ocasiões em que o silêncio é considerado leve, breve. Há também o silêncio eterno, dos mortos, e o silêncio ao qual o sujeito é condenado. O silêncio é notadamente noturno – na calada da noite –, soturno quase sempre. O resto é silêncio, são as últimas palavras de Hamlet. O túmulo ama imediatamente o silêncio, diz Mallarmé. Há sempre um silêncio a ser evitado, um silêncio temido, constrangedor, supostamente cheio de maus presságios. O uso lingüístico, ou melhor, languageiro, está sempre presente nas elaborações de Freud: seus conceitos são palavras comuns, no máximo as menos usadas, mas sempre parte do vernáculo de sua língua. Acho que devemos sempre prestar atenção ao que dizem os homens comuns.

Talvez faça mais sentido começar pelo aspecto clínico do silêncio, numa prática e diante de uma terapêutica que se faz pela e na palavra. A psicanálise é a “*talking cure*”, é a posta em ação de algo que Freud começa a trabalhar nos idos de 1890 e 1891. Outros dispositivos terapêuticos eram utilizados antes que ele comesse a se debruçar sobre a questão da importância da palavra como instrumento de intervenção nos sintomas dos pacientes.

Em 1890, escreve o artigo *Tratamento psíquico (tratamento da alma)*, trabalho que versa eminentemente sobre hipnose e que faz apenas uma referência imprecisa ao tratamento catártico. Esse artigo marca um momento importante, junto com o artigo sobre a afasia, de 1891, na mudança de inflexão da conceituação freudiana. É um texto de passagem pois soma a uma terminologia associacionista um pensamento de ruptura.

Freud entra em contato com a obra principal de Bernheim sobre a sugestão, que ele traduz, em 1885. Nela, Bernheim sustenta, entre outras coisas, que a sugestão age pela palavra e que a palavra é a principal alavanca da psicoterapia.

O texto freudiano de 1890 encampa essa idéia e acaba dizendo uma coisa nova: o tratamento psíquico é um tratamento que se dá pela palavra e que opera a partir de alma. Dirige-se a “perturbações anímicas ou corporais, com recursos que, de maneira primária e imediata influem sobre o anímico do homem” (FREUD, 1890, p. 155). Esse recurso é sobretudo a palavra e “as palavras são, com efeito, o instrumento essencial do tratamento anímico” (idem). A palavra aparece, pois, como uma possibilidade de sair do dualismo corpo/alma, do problema suscitado pelos nexos entre o corporal e o anímico, nexos esses cuja existência é inegável.

Vemos nesse texto o reaparecimento e a renovação de alguns termos da problemática da oposição dessas duas dimensões heterogêneas, problemática que marcará toda a obra freudiana: a articulação corpo/representação, que já

aparecera nos verbetes sobre o cérebro e a histeria, de 1888. Diz Freud que “depois de um período bastante infecundo, em que dependeu da chamada filosofia da natureza, a medicina, sob a feliz influência das ciências naturais, aprendeu a compreender nos termos da física e da química, cada um dos desempenhos vitais (funções)” (idem). E que, seguindo o positivismo que dominava a tradição médica da época, os médicos restringiram seu interesse ao corporal e deixaram que os filósofos, a quem depreciavam, se ocupassem do anímico. Não podendo negar a existência das ligações entre os dois registros, a medicina “em nenhum caso deixou de apresentar o anímico como comandado pelo corporal e dependente dele. [Os médicos] pareceram temer que, se concedessem certa autonomia à vida anímica, deixariam de pisar o terreno seguro da ciência” (ibidem, p. 116).

Esse é um traço característico da medicina positivista: os fatos mentais considerados como epifenômenos dos físicos. Invertendo a tendência reducionista da medicina e apresentando uma idéia bastante original, Freud afirma que, em alguns doentes, os signos provêm apenas de uma influência alterada de sua vida anímica sobre seu corpo; “a causa imediata da perturbação deve ser procurada no anímico” (ibidem, p. 118).

Chega-se assim à “relação recíproca entre corpo e alma”, ilustração do dualismo paralelístico de Freud, semelhante ao de Jackson, uma de suas grandes influências. A influência do anímico sobre o corpo se verificaria tanto na expressão das emoções - isto é, as alterações corporais concomitantes dos estados anímicos, que são aliás inúteis e denunciadoras - quanto em alterações fisiológicas. “Em certos estados anímicos, denominados afetos, é enorme a participação do corpo” (idem).

Até esse momento, o órgão anímico, ou o jacksoniano órgão da mente, fazia parte do sistema nervoso e a distribuição anômala da excitação nas representações, elementos do órgão anímico, acarretava uma perturbação na fisiologia geral do sistema nervoso. Sabemos que, originariamente, é a investigação do órgão que define a *démarche* da investigação freudiana; não que a função seja negligenciada nesses primeiros momentos, mas na primeira visão freudiana é a observação da estrutura que fornece as chaves para a compreensão da funcionalidade. O fisiológico é inicialmente legível e inteligível na estrutura anatômica. A anatomia é, nesse momento, a base topológica sobre a qual ele funda suas pesquisas.

Entretanto, Freud afirma nesse artigo que algumas afecções, consideradas como relativas ao sistema nervoso em seu conjunto, não apresentam, mediante exame detalhado, nenhuma alteração fisiológica visível. Define tais enfermi-

dades como meramente “funcionais” e começa a detalhar os signos patológicos que provêm de uma influência alterada da vida anímica sobre o corpo. Chega à conclusão que tais signos podem ser removidos por um tratamento anímico, onde a pessoa daquele que trata e seu poder de persuasão têm grande importância. A pessoa do médico era uma das circunstâncias principais que permitiam alcançar o estado anímico mais favorável para a cura. E as palavras são, sem dúvida, os principais mediadores da influência que um homem pretende exercer sobre os outros. A palavra pode eliminar fenômenos patológicos, sobretudo aqueles que têm sua origem em estados anímicos.

Ora, se a cura se dá através da palavra, tanto a do analisando em seu discurso quanto a do analista em suas interpretações e intervenções, o que fazer com o fato de silêncios prolongados se apresentarem amiúde, quando não seu oposto, a enxurrada de palavras que, igualmente resistencial, impede o progresso do tratamento? O que fazer com a fala dispersiva, espécie de engodo em que o paciente embarca para justamente evitar uma exposição a esse plano de silêncio que aponta para seu aniquilamento imaginário? E o que dizer sobre o silêncio do analista, aquele que, supostamente não se intimida diante do silêncio e faz dele um instrumento de trabalho? E o que também dizer sobre a singularidade dessa experiência analítica que não tem brilho social, sendo um fenômeno opaco, único e singular, sem a possibilidade de identificação?

Acho que podemos considerar, da parte do analisando, dois tipos de silêncio: aquele não-dito da repressão, o “segredo”, o vergonhoso, o indecente, o inadequado, sobre o qual o analisando prefere, inicialmente, calar; e o silêncio sobre aquilo que não se sabe que sabe, o material recalcado. Esse material é a verdadeira zona de silêncio: o trabalho do recalque se faz em silêncio e em silêncio permanece o recalcado. Se a análise suscita o levantamento do recalque e se tal situação é de fato única na vida do sujeito, uma vez que essa modalidade de escuta não existe na vida comum, então a entrada em análise possibilita ao sujeito a saída do silêncio. Podemos concluir que se o sujeito antes não falava sobre certa parte de sua alma era porque não tinha um ouvinte que pudesse lhe devolver o que diz enquanto fala. Habitualmente, passa-se pelos lapsos, pelos falsos nexos, como diante de um erro. Para o psicanalista, entretanto, não se trata de um simples engano, há ali um sentido. Ele não recua diante da cena muda, o analista não deve temer o silêncio. O silêncio é o espaço potencial dessa escuta, onde o discurso manifesto cede lugar ao latente do desejo. A terceira orelha do analista, de que fala Reik, é justamente aquela pela qual ele deve escutar o silêncio: ele não escuta somente o que está nas palavras, escuta também o que as palavras não dizem.

Para Freud, a interrupção no discurso do analisando tinha a ver com um pensamento acerca do analista e ele assim recomendava que se interpretasse. Numa de suas referências ao tema, no texto *O estranho*, de 1919, Freud evoca a inquietante estranheza que emana do silêncio, da solidão, da obscuridade, postulando que são esses verdadeiramente os elementos aos quais se liga a angústia infantil, que jamais desaparece inteiramente na maioria dos homens. Freud aponta que essa alteridade radical, silêncio estrutural do ser, expressa pelo *unheimlich*, se liga à angústia infantil do estado de desamparo primordial.

Se no início é o silêncio, no final também é o silêncio. Esse seria o silêncio primordial do qual fala Kovadloff em seu livro. O silêncio que interessa a Kovadloff não é o silêncio da ocultação ou o do simulacro, daquilo que se pretende dissimular ou daquilo que está recalcado, o que ele chama de silêncio da oclusão. O que o interessa é o silêncio que constitui o substrato ontológico do homem, essa tela de fundo, jamais atingível a não ser pela alusão, e que determina seu plano negativo, instaurando a alteridade dentro dele mesmo. É o silêncio primordial aquele que determina as condições de possibilidade da linguagem. Esse silêncio, inominável, indizível, por ser passível de contato e de experiência, torna o sujeito seu protagonista. O silêncio primordial não tem objeto mas tem, porém, sujeito.

Deixo aqui essas perguntas para uma discussão posterior e passo para a questão teórica, único parâmetro a informar a clínica e ao mesmo tempo o que nela se atualiza e da qual retorna.

Supondo que por trás do silêncio do analisando reside algo que insiste e que resiste, e que dessas resistências a mais difícil seja a que provém do isso, a compulsão à repetição, vou procurar compreender que força é essa que resiste tão bravamente. Para isso, tentarei mergulhar naquilo que o próprio Freud chamou, em 1920, de o “caráter demoníaco” do psiquismo humano, seus contornos mais sombrios, seu aspecto mais “negativo” ou pessimista: as forças responsáveis pela impermanência, pelo inacessível, pela parte selada da alma humana. Nunca foi fácil destacar a atividade das pulsões de morte, elas surgiam sempre conjugadas e contrapostas às pulsões de vida, mescladas de modo a se expressar apenas através das ruidosas exteriorizações de Eros.

O artigo *Introdução ao narcisismo* produziu um impasse para a continuação da teoria psicanalítica. Freud se viu diante do perigo de ter de aceitar uma teoria monista, logo ele, de inspiração claramente dualista. A anterior oposição pulsional, entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou pulsões do eu, cada uma com sua energia específica, a libido, sexual, e o interesse, não-sexual, perde sua radicalidade do momento em que Freud postula que o eu é o primeiro obje-

to do investimento das pulsões sexuais parciais, constituindo-se a partir daí e organizando-as. Se o eu é também libidinal, fica difícil continuar sustentando a especificidade de suas pulsões, originariamente de caráter não sexual, meramente autoconservativo. Esse é o momento crucial que vai ditar a mudança de inflexão derradeira da teoria, obrigando Freud a uma modulação essencial, com a postulação de uma outra oposição e de uma outra pulsão, a de morte.

Na parte IV de *O eu e o isso*, Freud exprime toda a dificuldade pela qual passou nesse momento de sua teoria, em que se viu ameaçado pelo fantasma do monismo. Escreve que quando consegue fazer remontar as moções pulsionais, frequentemente descobre que elas se revelam como derivados de Eros. Acrescenta que se não fosse pelas considerações apresentadas em *Além do princípio de prazer* e, em última análise, pelos constituintes sádicos que se ligaram a Eros, teria tido muita dificuldade em se apegar a seu ponto de vista dualista e apresentar sua hipótese de um conflito fundamental entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Conclui que, visto que não pode fugir a essa concepção dualista, vê-se levado a afirmar a existência das pulsões de morte e que estas são, por sua natureza, mudas, e que o clamor da vida procede, na maior parte, de Eros.

No texto de 1920, Freud postula suas novas idéias tomando como exemplo três situações: a brincadeira infantil do *fort-da*, o fenômeno clínico da transferência e os sonhos típicos dos sujeitos afetados por neuroses traumáticas. O que existe de comum nesses três casos é a compulsão à repetição, poderosa o bastante para desrespeitar o domínio do princípio de prazer. A compulsão à repetição assume, nesse momento, as características de uma pulsão propriamente dita. Segundo Mezan, “a repetição é, muito precisamente, a condição de possibilidade da pulsão, aquilo sem o qual ela não poderia se reproduzir uma vez extinto o seu ímpeto inicial, por descarga ou por outra via qualquer, como, por exemplo, a sublimação” (MEZAN, 1987, p. 259). Isso aponta para o fato de o “veio vulcânico que nos movimenta, que nos dá e garante a vida” (COSTA, 1989, p. 10) não se extinguir mesmo alcançada a satisfação, por conta dessa característica da vida pulsional que é a repetição. Gostaria de pensar que a compulsão à repetição é para si e não em si: não é meramente um repetir por repetir mas sim um repetir para não deixar de ser, para não de-ser, um repetir que burla a dissolvência e não exatamente a morte. A compulsão à repetição seria aquilo que, no vivo, mais se aproximaria da pulsão de morte.

A isso podemos acrescentar a idéia de que nada se extingue na vida pulsional já que sempre restará algo desse campo que não receberá, do psíquico,

representações adequadas ao seu encaminhamento. O domínio do pulsional excederá, sempre, o campo da representação, do psíquico propriamente, o que marca sua infinitude e indeterminação. O que resta corresponderá ao que de mais pulsional existe, essa pulsão de morte impedida de obter entrada no âmbito do psiquismo a não ser através de um enlace por Eros, que a dotaria de um sentido e de uma voz. O sonho da neurose traumática é um sonho que não realiza um desejo, definição até então adotada pela teoria psicanalítica. Ele repete experiências muito desprazerosas, na tentativa de fazê-las ganhar elaboração e sentido, ganhar articulação com a amplidão da vida psíquica. Essa é a mesma função da brincadeira do *fort-da*, repetição sem cessar na tentativa de controlar e transformar a matéria psíquica que é tão somente ruptura, repetição pura, sem presença desejante no psiquismo. A “anti-matéria psíquica”, conforme Ab’Saber (AB’SABER, 2000, p. 49), que não for envolvida por Eros se manterá como corpo estranho ao psiquismo, um repetitivo não-elaborado, como Freud classificara o sintoma em seus *Estudos sobre a histeria*, de 1895. A compulsão à repetição está por trás da repetição do ainda não-elaborado, ainda não-pensado, coisa-em-si psíquica tentando ser inscrita e dominada.

A pulsão de morte representa o inefável, o inalcançável, o indefinível; a pulsão sexual, posto que considerada como o pulsional já capturado pela subjetividade, propriamente dentro do psíquico, possibilita que falemos dela com um pouco mais de desenvoltura. A pulsão de morte se alinha do lado daquilo que é inacessível ao conhecimento, praticamente uma coisa-em-si kantiana, “afastadíssima de qualquer evidência”, escreve Freud também em 1920 (FREUD, 1920, p. 53). Sem estar enlaçada por Eros, torna-se indizível e, portanto, muda, silenciosa. É o resto que é silêncio.

Aprendemos, então, que as pulsões de morte fogem à nossa percepção se não estão coloridas eroticamente. E as pulsões de destruição, de agressão e de dominação nada mais são que diferentes formas com que a pulsão de morte se apresenta, psiquicamente. A composição está na dependência de como e quanto se enlaçam nessas mesclas pulsionais as duas pulsões primárias. A pulsão de morte ‘pura’ não passa de uma suposição, uma inferência feita a partir de seus derivados e efeitos; sem a parceria com Eros ela não se exterioriza porque não possui os meios, que são as representações.

A pulsão de morte entendida como pura força não tem representação. Esse é o sentido da ‘mudez’ da pulsão de morte, por mais de uma vez apontada por Freud. Sem Eros – com sua tendência à extensão incessante –, a pulsão de morte não tem nem coisas nem palavras para se expressar, talvez somente o silêncio.

A pulsão de morte é um conceito que designa uma força inferida a partir dos fenômenos psíquicos, força essa que desempenha sempre, imutavelmente, o papel daquela que rompe as ligações e, se predominante, imprime aos fatos psíquicos um sentido regressivo, dentro da ideia que ela tende a destruir unidades mais complexas transformando-as em unidades mais simples, mais rudimentares e, portanto, mais primitivas e anteriores na história do sujeito. A pura força que representa a pulsão de morte utiliza, como veículo de expressão, a libido, que é a energia psíquica, sexual. A apresentação {*Darstellung*} psíquica da pulsão de morte se dá somente por meio da representação {*Vorstellung*}, seja ela representação-coisa ou representação-coisa somada a representação-palavra. Se o psíquico é propriamente o campo da representação, se o aparato anímico é um aparelho de representar, tudo aquilo que não possui expressão pode ser considerado um fora-psíquico, um sem-dizer, um silêncio. E volto a dizer: o silêncio fala pelo nexos com Eros, pelos derivados dessa ligação, ou o silêncio cala, “falando” pelo não-dito, pelo segredado, pelo encober-to, pelo resistido. Por trás do silêncio prolongado do analisando encontra-se a potência de desligamento da pulsão de morte, capaz de se opor ao objetivo do tratamento, impondo à mescla pulsional sua meta e sua mudez.

No capítulo VI de *O mal-estar na cultura*, Freud fala mais uma vez e expressamente da mudez da pulsão de morte. Mas essa não é a primeira menção a essa característica dessa pulsão. A esse respeito, gostaríamos de nos remeter a um texto de 1913, *O motivo da eleição do cofre*, onde ele associa, mais de uma vez e através de mais de um exemplo, o mutismo com a morte. Inspirado no sonho, Freud associa o silêncio com a morte e com o recalque, cujo trabalho alia ao das pulsões. Ao falar das Moiras, que representam uma tripartição da divindade responsável pelo Destino do homem, Freud escreve que a mudez é uma figuração usual da morte. As Moiras comandam o nascimento, a vida e a morte; esta última é tarefa de Átropos, a muda, “a inexorável”, “o inelutável” (FREUD, 1913, p. 312). Sendo também o sono e a morte associados na mitologia grega – Hynnos, o sono, é irmão gêmeo de Thanatos, a morte, ambos filhos de Nyx, a noite -, isso permite a Freud dizer que o mutismo é uma das representações da morte e a estender posteriormente para as pulsões de morte essa característica da mudez. Nyx, deusa da noite, é considerada como uma das divindades mais antigas; provém do Caos, é uma das primeiras criaturas a emergir do vazio primordial, a matéria informe, confusa e opaca, o abismo insondável, ao mesmo tempo que o Érebo, as trevas profundas, Géia, a Terra, o Tártaro, as profundas entranhas da terra, e Eros, o desejo incoercível dos sentidos. Acrescenta Freud que também em Stekel, em texto de 1911, a mudez é mencionada entre os símbolos da mor-

te. “A criação das Moiras é o resultado de uma compreensão que adverte o ser humano que também ele é parte da natureza e por isso está submetido à inexorável lei da morte” (FREUD, 1913, p. 310).

Ao discorrer sobre o tema da eleição, Freud acrescenta que, apesar das inúmeras escolhas trazidas à baila nesse texto, recaírem sobre a terceira irmã ou a terceira divindade, “ninguém elege a morte, de quem se é vítima por uma fatalidade”. Entretanto, o que pode parecer um paradoxo é explicável pelo que chama de “formação reativa”, ou seja, a substituição pelo oposto, aproximando, já aqui, a neurose obsessiva do tema da morte e das moções destrutivas. Na mitologia, a deusa da morte transforma-se na deusa mais bela, a melhor e mais amável das mulheres. E acrescenta: essa substituição foi facilitada por uma antiga ambivalência, aproximando-se, mais uma vez, da temática da neurose obsessiva.

Ainda nesse mesmo texto, em que explora o tema dos três escrínios, Freud utiliza outros exemplos para ilustrar a questão da ligação entre morte e mudez. No caso da peça shakespeariana *O rei Lear*, Cordélia, cujo corpo morto é carregado por Lear para o palco, é a Morte. Cordélia torna-se irreconhecível, indistinguível como o chumbo, permanece muda, ‘ama e cala’. Podemos talvez permitir-nos igualar ocultamento e mudez. Depois de usar ainda outros exemplos, Freud propõe que consideremos as peculiaridades da ‘terceira’ escolhida como concentradas em sua ‘mudez’: então a psicanálise nos dirá que, como nos sonhos, a mudez é uma representação comum da morte.

De volta ao capítulo VI de *O mal-estar na cultura*, ali se lê que o termo libido designa apenas as exteriorizações da força de Eros e não serve para a energia das pulsões de morte. Em nota de rodapé, acrescenta que “em cada exteriorização pulsional participa a libido mas nem tudo nela é libido” (FREUD, 1930, p. 117). Acrescenta que quando a pulsão de morte não aparece através do vínculo com Eros, torna-se muito difícil de apreender; “é inferida apenas como um saldo {*Abzug*}”, um resto, depois da passagem de Eros, algo não capturado. Isso que sobra, nos escapa.

A pulsão de morte trabalha muda dentro do ser vivo na obra de sua dissolução, mas isso não constitui uma prova de sua existência. Podemos, como vimos, apenas inferi-la como um saldo após a passagem de Eros, um resto não-ligado, que nos escapa. Surge então a ideia de que a pulsão de morte, ou melhor, que parte dela, se dirige ao mundo externo e se mostra como pulsão a agredir, destruir e dominar.

Proponho acompanharmos Freud na produção do seu novo conceito e adoto a ideia de a pulsão de morte ser considerada como um conceito explicativo de fenômenos da realidade, com todo seu caráter especulativo, mais do

que existindo necessariamente. Trata-se da discussão entre pulsão e conceito de pulsão. Algumas leituras entendem que a pulsão de morte é um conceito e não um fato biológico; não acreditam que exista efetivamente um mecanismo energético passível de ser descrito da forma em que é feito. Constituiria uma tese especulativa, teórica e hipotética, não baseada mas provocada pela clínica e pela dinâmica dos conflitos psíquicos. Não seria um dado real mas uma decisão epistêmica, uma construção puramente teórica. Outras leituras, mais “naturalistas”, tendem a aproximar o conceito de pulsão de morte da força que opera o arco reflexo, postulação freudiana encontrada em seu texto conhecido como *Projeto*, de 1895.

No *Projeto*, referência teórica a meu ver muito valiosa, lê-se que a tendência de todo sistema vivo é à inércia, é voltar ao estado anterior de quietude, perturbada por estímulos. Este sistema, em sua forma mais rudimentar, unicelular, resolveria sua tensão interna por intermédio de um funcionamento do tipo do arco reflexo e se livraria dessa excitação em sua totalidade. Entretanto, a própria vida, que se impõe e impõe sua continuidade e manutenção, barra esse exclusivo funcionamento. A noção de vida, para Freud, implica perturbação, tumulto, desassossego, alvoroço; o “ideal”, segundo essa leitura, é a quietude do nada de excitação. Se quisermos pensar no conceito de pulsão de morte “pura”, apenas para finalidades explicativas, penso que podemos dizer que ela é um conceito que designa a função de um operador, um dispositivo imanente a todo sistema vivo, sempre considerado por Freud como um sistema econômico, capaz de fazer cumprir essa tendência universal e fundamental à inércia, ao zero de excitação. Constitui tão somente um objeto de conhecimento, formal e abstrato, não encontrável diante do “sopro da vida”. No caso do vivo, cuja meta última é a de voltar ao não-vivo, ao inorgânico, essa tendência é contrariada pela urgência da vida – *Not des Lebens* (FREUD, 1895[1950], p. 341) - e substituída pelo princípio de constância. Aí então, estaríamos diante das pulsões de morte já enlaçadas por Eros, no começo da luta, da oposição pulsional fundamental. No vivo, não haveria pulsões de morte puras nem Eros puro, estamos sempre diante de misturas pulsionais. Essa é uma concepção totalmente nova e diferente da idéia que permeia a primeira oposição pulsional e a primeira tópica, onde as pulsões não produziam misturas, apesar da noção de conjugação das mesmas. Eros é o fator de ligação, é ele que amarra as marcas dispersas deixadas pelas vivências, é ele que também amarra os eus dispersos, simples grumos de representações referidos às sensações corporais, constituindo uma primeira idéia de unidade e de eu imaginário, à imagem e semelhança de seu próximo, sinal de identificação a uma espécie, signo de

pertencimento a um grupo específico, o humano. As pulsões de morte, por sua vez, cumprem seu destino de dissolver as organizações, os sistemas complexos, já que, ao simplificar as unidades, fica-lhes mais fácil, soltas, livres, levar a cabo sua tarefa de desamarrar os laços e voltar à quietude inicial.

Como vimos, podemos considerar a pulsão de morte como o operador da evacuação total da excitação que invade o sistema, o aparelho psíquico que vai se formar; mas também podemos pensá-la como a pulsão desvinculada tanto da sexualidade quanto da palavra. Esta seria a distinção mais marcante entre a pulsão de morte e seus derivados: não é possível confundir, por exemplo, pulsão de morte com pulsão de destruição. Esta última, assim como a de agressão e a de dominação, assim como as pulsões sádicas e masoquistas, é ligada à sexualidade e ao recalque, como seu efeito; a agressividade não dispensa a palavra, a destruição tampouco. A pulsão de morte, ao contrário, como postula o próprio Freud, é muda, silenciosa, sem palavras; adquire-as como forma de expressão, quando se combina com Eros e dá origem às diversas formas de seus derivados. As maneiras com que cada um dos derivados vai ‘falar’ serão determinadas pela história do sujeito e os recursos psíquicos a que este terá acesso em determinada conjuntura de sua existência. Os derivados das pulsões de morte são especificidades do homem que fala: do silêncio inicial faz-se a palavra através das contribuições de Eros, o que propriamente introduz o homem na ordem do desejo e da linguagem.

Inspirando-me na definição que dão Deleuze e Guattari para conceito, na filosofia, gostaria de considerar que é preciso uma mutação de problemas para que um conceito apareça. Segundo esses autores, todo conceito, filosófico, tem componentes e se define por eles, construindo, a partir daí, um contorno irregular. “Cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado. Mas um conceito possui um devir que concerne sua relação com conceitos situados no mesmo plano” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 30). De acordo com a idéia de que um conceito se produz se necessário, podemos dizer, seguindo esses autores, que um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes.

Mesmo considerando a diferença entre um conceito da psicanálise e um conceito filosófico, isto é, “a diferença que existe entre enunciação filosófica dos conceitos fragmentários e enunciação científica das proposições parciais” (idem, p. 31) - sem entrar na discussão, infrutífera e datada, de a psicanálise ser ou não uma ciência -, podemos postular que cada conceito

remete a outros conceitos, não somente em sua história mas em suas conexões presentes e em seu devir. Sua articulação produtiva e consistente com os outros conceitos de seu campo é aquilo que faz dele um conceito propriamente; um conceito é definível pela conjugação com outros conceitos – sua “exo-consistência” – e pela pertinência de todos a um mesmo registro epistêmico. O que primeiro define a consistência do conceito é o fato de manter inseparáveis nele seus componentes. O mais interessante na acepção desses autores é o fato de eles considerarem e definirem um conceito como “um incorporal, embora se encarne ou se efetue nos corpos”, embora não se confunda com o estado de coisas no qual se efetua (ibidem, p. 33). Fugindo de uma visão essencialista, os autores afirmam que o conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa. Acreditamos que essa acepção facilita, e muito, a compreensão do conceito de pulsão de morte. Um conceito, portanto, nada mais é que ato de pensamento.

Desse modo, e parafraseando Deleuze e Guattari, se podemos continuar sendo freudianos hoje é porque pensamos que seus conceitos podem ser reativados em nossos problemas e vir a inspirar os novos conceitos que se necessita criar.

Existiriam, então, duas pulsões, radicalmente diferentes, irreduzíveis uma à outra posto que de diferentes naturezas; as duas ‘trabalham’ com a mesma cota energética, libidinal. Mesmo que consideremos que existe apenas uma energia, esta é operada por duas forças de objetivos opostos: Eros, cuja meta é ligar, e as pulsões de morte, cujo objetivo é desligar, é romper as ligações existentes, é desfazer os vínculos visando unidades cada vez mais simples. O essencial da pulsão de morte é seu processo radical de desligamento, de fragmentação, de desarticulação, de decomposição, de ruptura: mas também de fechamento, processo cuja única finalidade seria a de se realizar e ao qual o caráter repetitivo imprime a marca do pulsional. Força de desligamento e de desencadeamento, mas também de novas combinações. Sistema cada vez mais fechado, ruptura cada vez mais explosiva, processo negador de toda dialética possível.

Na Parte V de *O eu e o isso*, escreve Freud que o isso não possui meios de demonstrar ao eu amor ou ódio; ele não pode dizer o que quer, não alcançou uma vontade unificada. Eros e a pulsão de morte lutam dentro dele. Talvez seja possível representar o isso como se achando sob o domínio das silenciosas mas poderosas pulsões de morte, que desejam ficar em paz e, incitadas pelo princípio de prazer, fazer repousar Eros, o promotor de desordens; mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros. Ao desterro das pulsões de

morte se vincula o alarido das pulsões de vida e sua função de neutralização, como um bálsamo.

De volta à clínica, nesse vai-e-vem típico e produtivo de nossa prática, gostaria de acrescentar que a nova concepção do aparelho, que surge em 1923 e fruto da grande mudança de inflexão de 1920, nos permite uma diferente compreensão do compromisso clínico entre analisando e analista. O analista da primeira tópica, o porta-voz da função hermenêutica, era aquele que tinha de tornar o Inconsciente consciente, segundo palavras do próprio Freud. Diante de um Inconsciente ‘fechado’, sem possibilidade de articulação com os outros sistemas – a não ser através da passagem abrupta sob a forma de suas formações sintomáticas e não-sintomáticas –, o que o analista tem que fazer é traduzir de uma para a outra língua os conteúdos das representações. Tornar consciente o Inconsciente é trazer para o campo da Consciência, emprestando-lhes palavras, as representações inconscientes. O Inconsciente está lá, dado, e cabe ao analista o papel de tradutor e de introdutor. Considero, entretanto, que há certo exagero nessa leitura: outros aspectos indicados na teoria, como a sobredeterminação, a inescotabilidade da interpretação, a possibilidade de sentidos vários, propiciam uma abordagem menos estrita. Todavia, a partir da postulação do conceito de pulsão de morte e da ênfase dada à noção de mescla pulsional, sublinhando o fato de que todo o aparelho é campo da oposição e da conjugação das duas forças primordiais, Freud possibilita uma notável mudança na compreensão daquilo que se passa na clínica.

Diante dessa segunda tópica, onde a idéia é a de que tudo está por acontecer e acontecendo, sem barreiras rígidas e compartimentos estanques, o analista pode ser compreendido como fazendo parte do circuito pulsional do analisando; ele participará, do momento em que tudo está em perene movimento, em devir, da possibilidade de novas inscrições. Não se trata mais, nem apenas, de transformar o que é inconsciente em consciente, através de uma função de tradução, revelando para o analisando um sentido que já lá estava mas que ele considerava desconhecer, mas sim de participar do circuito pulsional do sujeito que o convida, transferencialmente, a passar a fazer parte de sua trajetória. Seu isso está ali, presente, batendo às portas do aparelho psíquico, solicitando inscrição e, portanto, trabalho.

O silêncio exige uma linguagem em que possa se expressar. Essa, pensamos, é a grande mudança que sofre a posição do analista a partir da segunda tópica: ele, o analista, se oferece, a si mesmo, na carne, como possibilitador de inscrição, como propiciador de palavras que vão permitir ao silêncio falar. O analista tem de sair do campo das idéias sofisticadas, da teoria abstrata, e

“cair na real”, ou melhor, no real, o real da pulsão. A análise passa a se dar quando o paradoxo da subjetivação sai do plano das ideias e cai no plano da vivência, palco da transferência. Na transferência, ele poderá tornar possíveis novas inscrições e não apenas desempenhará o papel daquele que pode trazer para a consciência inscrições que estavam lá desde sempre. A questão da transferência muda, o analista passa a se apresentar como promotor de inscrição, transferencial: ele é obrigado a se reposicionar *sur place*, a dar corpo às ideias.

Na primeira tópica, a transferência era vista como um falso enlace. Com a segunda tópica, acreditamos que, além desse lugar, que se mantém, o analista passa a ser alvo e propiciador de novos investimentos e de novos enlaces, do momento em que aceita ser um dos elementos do trajeto pulsional do analisando. Um aparelho em perene movimento e constantes e diferentes combinações permite que o analista tome parte da composição de novas inscrições. Do analista/hermeneuta, estamos agora diante daquilo que gostaria de chamar de analista/escriva, aquele que põe em palavras, escritas daí em diante na história do analisando, de forma visceral, aquilo que até então estivera fora do registro das inscrições, em silêncio. A linguagem é o umbral do silêncio que não pode ser franqueado: ela é a prova do infinito. As marcas transformam-se, assim, em símbolos mnêmicos, em palavras que testemunham os novos trajetos pulsionais do analisando. Produz-se uma extensão da função e do desempenho do analista: agora, ele está pronto, informado pelos avanços da metapsicologia, a tentar intervir nos próprios circuitos pulsionais de seu analisando, propondo-lhe uma variedade para sua trajetória antes unívoca e sintomática.

A transferência é um dos invariantes da psicanálise, talvez sua marca mais inconfundível; é uma tentativa de encontro afetivo com o outro – esse imenso outro que representa o analista, alvo da transferência –, na repetição de suas modalidades originárias e infantis. Enquanto em vigor, significa um aprisionamento ao desejo do analista e nesse sentido a transferência marca a interminabilidade de uma análise. Sob esse prisma, acreditamos que a transferência se dissolve graças à ação própria das pulsões de morte e não a uma palavra “dada” pelo psicanalista, ou seja, seu assentimento. Termina-se uma análise dentro de certo mal-estar, opera-se uma ruptura. É assim que as relações acabam; trata-se, afinal de contas, de uma separação decidida pelo sujeito, um rompimento, por mais que encontre, da parte do profissional, uma concordância. Separar-se é deixar seu objeto, por um ato de vontade. O analisando não é deixado, ele deixa, rompe, quebra laços, abandona seu objeto e opta por ficar só; o analisando abdica de seu objeto, o “mata”, decreta seu de-

saparecimento, por decisão própria. Nesse momento, a potência disruptiva das pulsões de morte mostra sua face construtiva, possibilitadora de novas combinações e configurações. E onde antes havia o silêncio, agora se fala, em nome próprio e na primeira pessoa.

Suelena Werneck Pereira

Av. Eptácio Pessoa, 4000/301

Lagoa-Rio de Janeiro-RJ

22471-003

fone: (21)2539-6912

e-mail: suelena@uol.com.br

Referências

- AB'SABER, Tales. Sonho, morte e teoria: Freud 1918/1920. *Percurso Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano 13, n. 24, 1 sem., 2000.
- BRANDÃO, Junito Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 3 v.
- COSTA, Jurandir Freire. As faces da violência. *Percurso Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano 1, n. 2, 1 sem., 1989.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é um conceito? In: _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- FREUD, Sigmund. Tratamiento psíquico (tratamiento del alma). In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1890]. v. 1. p. 111-132.
- _____. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1979. [1891].
- _____. Proyecto de psicologia. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1895]. v. 1. p. 323-436.
- _____. Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1898]. v. 3. p. 277-290.
- _____. El motivo de la elección del cofre. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1913]. v. 12. p. 303-318.

_____. Introdução del narcisismo. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1914]. v. 14 p. 65-98.

_____. Lo ominoso. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1919]. v. 17 p. 215-252.

_____. Más allá del principio de placer. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1920]. v. 18. p. 1-62.

_____. El yo y el ello. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1923] v. 19. p. 1-59.

_____. El malestar en la cultura. In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986. [1930(1929)]. v. 21. p. 57-140.

GREEN, André. Le silence du psychanalyste. In: _____. *La folie privée*, Paris, Gallimard, 1990. [1979].

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2003.

LAXÉNAIRE, Michel. Bernheim et l'École de Nancy. *Psychanalyse à l'université*. Paris: Aurepp, n. 48, 1987.

MALLARMÉ, Stéphane. Verlaine. In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1945. [1896].

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

NASIO, Juan- David. *O silêncio em psicanálise*. São Paulo: Papirus, 1989.

REIK, Theodor. *Écouter avec la troisième oreille*. Paris: Editions Desclée de Brouwer, 1926.

REYNOSO, Gilou Garcia. Posição ética mínima: fazer valer as idéias apesar das resistências. *Percurso Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano 3, n. 7, 2 sem. 1991.

SHAKESPEARE, William. Hamlet, King of Denmark. *Shakespeare's Masterpieces*. New York: Art Type Ed. s/d (1603). Ato 5.